

# FOLHETIM

# 14



**Salve  
a semana  
do  
índio !**

TRIZOÉ



“Antes, só os morcegos eternos voejavam na escuridão sem começo. Veio, então, Nosso criador, o Sem-Nome que descobriu, sozinho, a si mesmo e esperou. Chegada a hora, Ele juntou as mãos, soprou dentro o seu alento, abriu os olhos e lançou do olhar uma luzinha. Na penumbra daquela ventinho morno Ele foi inventando suas criações”. (Gênesis, pg. 135.)

A denúncia de Darcy Ribeiro no livro “Maira” não é, como acontece normalmente, uma denúncia paternalista. Quando a consciência é muito ampla, não há lugar para sentimentos mesquinhos como pena ou remorso. É por isso que ele, em Maira (Editora Civilização Brasileira, 405 páginas) não mitifica os índios, nem chora sobre a tragédia da tribo mairum. Apenas nos traduz a grandeza de uma cultura, confrontando-a com a nossa. E o choque é brutal, principalmente no começo do livro, quando apresenta os dois mundos em capítulos separados.

Essa comparação é feita através do levantamento de várias linguagens: dos brancos da cidade e do mato, dos padres, dos beatos, dos caboclos e dos índios. E, dentro de cada grupo, existem ramificações: a linguagem burocrática dos policiais e a gíria carioca; a conversa contida dos velhos sacerdotes e as confissões desesperadas de Isaías, o futuro cacique da tribo, que se formou padre em Roma; as ameaças de Juca, o explorador dos pobres das margens do rio Iparaná, e as lamentações do povo.

Darcy Ribeiro assume as várias linguagens, seguindo a lição de Maira, o deus-sol que, antes de encarnar nos homens experimentou diversas formas de vida. E faz esse trabalho com uma autenticidade e paixão raras na literatura dos últimos anos, no Brasil, colocando-se ao lado de grandes romancistas como Guimarães Rosa ou Antônio Callado. Com Maira, um romance feito não só a favor, mas a partir do índio, a vitória é da lucidez, primeiro passo para a solidariedade, que só poderá ser despertada nos homens com um pouco mais do que apenas boa vontade.

Por todas essas qualidades, Maira surge como leitura obrigatória e também como um desafio. Neste momento (a história do livro se passa em 1975) o país precisa perder o falso pudor e reavaliar tudo, já que não sabemos quem realmente estamos matando. Pois, no fim, como prova Darcy Ribeiro no seu romance, nós é que morreremos através da convivência, do massacre, da cultura alienada e da traição.

Nei Duclós

# O índio segundo Darcy Ribeiro

“Serão contemplados também alguns empresários de São Paulo e do Rio, amigos do senador. Esses, porém, pagarão bom dinheiro pelas terras e assumirão o compromisso de iniciar de imediato o desmate e o povoamento com gado, que valorizará em pouco tempo toda a região. Para eles não há problema: o governo financia tudo o que os grandes querem”. (Apocalipse, pag. 298.)

Dia 19 de abril, Dia Interamericano do Índio. A data foi comemorada como manda o figurino: discursos, solenidades oficiais, conferências. Em todas as cerimônias, platéias “civilizadas”. E os índios? Como estão os índios brasileiros na semana em que se comemora o seu dia? Alguns deles estavam, até poucos dias atrás, no Rio Grande do Sul, promovendo a I Assembléia Nacional dos Índios Brasileiros e pedindo respeito à sua integridade física e cultural. Os outros continuam lutando contra os invasores de suas terras, contra o desprezo dos “civilizados”, contra as doenças — como a cárie dentária — que ameaçam exterminá-los. Uma luta até agora inglória, pois são raros os brasileiros que se engajam, de uma forma ou de outra, nessa batalha.

Uma exceção é o professor Darcy Ribeiro, primeiro antropólogo a pesquisar profundamente os índios brasileiros e provavelmente a pessoa que mais entende de seus problemas, no Brasil. Para ele, o indígena brasileiro pode ser descrito, hoje, em poucas palavras:

“Atualmente, quando se diz índio, está se dizendo boca banguela, corpo cheio de enfermidades, analfabeto, maltrapilho. Não é necessário que sejam assim, podemos ter um índio, amanhã, que tenha o mesmo nível de cultura e conhecimento que outras camadas da população. Basta que o ajudemos a progredir, na medida em que outros brasileiros progridem. Mas, para isso não temos que exigir que ele deixe de ser índio”.

Acontece que, geralmente, exigem. Querem que o índio trabalhe (“índio é preguiçoso”, é o dito popular), que vista roupas, que “se integre”. Para o professor Darcy Ribeiro isso é uma grande bobagem, pois os índios estão integrados, no sentido de que eles participam do mercado, comprando e vendendo, produzindo num nível local. O que ele não pode, e não quer, é deixar de ser índio.

“Uma coisa que notei, depois de anos de convívio com os índios, é que eles são irredutíveis. A identificação de um índio como tal é irredutível. Enquanto ele puder criar seu filho, vai continuar se identificando como índio. Talvez isso seja assim porque os civilizados que convivem com eles são irredutíveis em tratá-los e vê-los como índios. Mas, de qualquer maneira, uma tribo indígena permanece uma tribo indígena até seu desaparecimento. Se as condições negativas que enfrenta são muito fortes, ela desaparece. Mas, em nenhum caso, ela se converte ao mundo civilizado. Permanecem índios como os ciganos permanecem ciganos, como os judeus permanecem judeus”.

Nem todos pensam assim. Em 1953, por exemplo, todas as ciências sociais do Brasil achavam exatamente o contrário. Pensavam que as tribos indígenas iriam amadurecer, naturalmente, para a civilização. Um belo dia o que era uma aldeia amanheceria uma cidade. Esse pensamento era tão forte que até a UNESCO pensou que o Brasil tinha encontrado a maneira exemplar de tratar o índio. Pediram para Darcy Ribeiro estudar o assunto. E ele verificou que os índios não estavam se assimilando tão maravilhosamente assim.

“Constatamos que o Brasil não tinha nada para vender nesse sentido porque o índio não tende a ser um não índio. Veja só que coisa espantosa: o Brasil foi capaz de pegar milhões de negros africanos, destribalizá-los e integrá-los, porque



eram escravos, despersonalizados, desculturados. Hoje, um negro apenas tem na cor da pele um característica genética, que o vincula à África. No mais, ele é um brasileiro total; talvez o mais brasileiro dos brasileiros. Mas, o Brasil não pode fazer o mesmo com os índios porque eles não se assimilam. Mesmo quando perdem a língua e os costumes, continuam se identificando como índios. É algo surpreendente, estranho. Por isso, eu digo que, no futuro, haverá pessoas que se identificarão com sua indianidade, que quererão ir às aldeias de onde saíram. Como o galês na Inglaterra, o bretão na França, o catalão na Espanha”.

Foi esse sentimento do índio, esse drama de um povo condenado a não ser, quando não sabe ser senão *ele mesmo*, que Darcy Ribeiro tentou — e conseguiu — transmitir em “Maira”, seu primeiro romance, lançado no ano passado e considerado um livro excepcional. Para os críticos, trata-se da primeira obra que vê o índio brasileiro “por dentro”. Para Darcy Ribeiro, foram os anos de convívio profundo com os índios que o tornaram capaz de entrar dentro deles e olhar o mundo com seus olhos.

“Eu escrevi uma porção de livros científicos, mas o único de sabedoria que escrevi foi esse. Isso porque, seu eu cheguei a alcançar alguma sabedoria, foi a sabedoria de compreensão da natureza humana e de compreensão do índio. É isso que está em “Maira”. O livro é a expressão de minha identificação com os indígenas. Os anos mais gratos de

minha vida foram os que passei nas aldeias. Com os índios, aprendi muito. Aprendi não só sobre eles, mas aprendi também a ser antropólogo. Aprendi a olhar a sociedade nacional sob outro ponto de vista, sem essa visão urbana de grande cidade, mas com uma visão de quem está mais preocupado com o interior, com o povão sofrido. Nessas características de minha personalidade intelectual está a marca da vivência daquele tempo que passei com os índios”.

Foram quase dez anos de convívio com os indígenas. Um convívio que começou quase por acaso. Quando o jovem Darcy Ribeiro se formou em Sociologia Política, na década de 40, em São Paulo, queria fazer pesquisa de campo. Mas, apesar do seu interesse em trabalhar em Sociologia não conseguiu emprego. Já que não havia emprego de sociólogo. Havia até quem mesmo nos grandes centros, desconhecesse tal profissão. O que Darcy encontrou foi um emprego de etnólogo no antigo Serviço de Proteção ao Índio, para trabalhar com Rondon. Cargo que motivou, também, seu interesse, pois sua formação tinha sido em Sociologia e Antropologia. Acabou sendo contratado pelo SPI e a partir dessa data (1946) passou a ter um contato intenso com os índios.

“Fui o primeiro profissional brasileiro a se dedicar totalmente ao estudo do índio “in loco”. Pude, nesse período, realizar muitos estudos científicos e escrevi livros, ganhei prêmios e um nome internacional em função disso. Mas,

fiquei com o sentimento de que devia alguma coisa aos índios. Eu tinha tirado deles e não lhes tinha devolvido nada. Eles tinham sido meus mestres e eu não tinha lhes dado nada. Tentando devolver, de alguma forma, tudo que eles tinham me dado, escrevi um livro, “Os Índios e a Civilização”, publicado, pela primeira vez, em 1957. Um livro científico, que teve repercussão no Brasil e no Exterior e que me satisfez, de certo modo.”

Mas, continuava o sentimento de que é muito difícil transmitir o drama indígena e Darcy Ribeiro queria dar às pessoas o sentimento da tristeza que é ser índio no Brasil. Queria mostrar, para um maior número de pessoas, o drama de um povo que se sente inviável ou que sente que sua viabilização somente é possível através de uma maneira de viver que representa sofrimento para ele. “Maira” foi escrito com esse objetivo e o autor acha que chegou onde queria.

“Acho que consegui transmitir o sentimento de ser índio. E o que é um índio? Uma pessoa precisaria ler 30 ou 40 livros sobre mitologia e costumes indígenas para aprender o que se ensina em “Maira”, sem a intenção de ensinar. Como experiência intelectual, o livro foi também importante para mim. Em todos os livros científicos que escrevi, sempre tive a sensação de que eu cavalaria meu espírito. Ou seja, eu controlava minha inteligência para fazer um trabalho, que resultava num livro de tal e tal tipo. Com “Maira” foi diferente. Ao invés de eu cavalgar meu espírito, o tema me cavalgou. O livro saiu de dentro de mim. E olhando a posteriori, vi que aprendi uma porção de coisas com ele”.

“Maira” foi escrito no exílio e Darcy Ribeiro teve que reencontrar-se no jovem que tinha trabalhado com Rondon para escrevê-lo. E ficou admirado de ver como estava, ainda, cheio daquela experiência. As palavras em tupi saíam com facilidade, as cenas da vida indígena lhes vinham nitidamente à memória. E surgira os Maíruns, que, na realidade, não existem. A tribo do livro é uma tribo sincrética, uma espécie de etnologia/ficção. Uma tribo/síntese, em que foram resumidas todas as tribos que Darcy Ribeiro conhece. Tribos que têm uma vida original alegre e que se acabam, depois do contato com os brancos.

Para Darcy Ribeiro, poucas experiências são tão lindas como ver — como ele viu várias vezes — um grupo indígena, sem qualquer contato com a civilização. Ele não se esquece dos primeiros Xavantes que viu, antes da chegada dos civilizados. O vigor físico, a alegria, a beleza daquela gente lhe causaram uma impressão profunda. Talvez por isso ainda se lembre tão bem do primeiro encontro oficial dos Xavantes com a civilização.

“Vários aviões tinham descido num campo de pouso, aberto pelos próprios índios. Num deles, vinha o brigadeiro Aboim, chefe da Aeronáutica Civil, que desceu do avião com uma farda branca, cheia de alamares dourados. Esperando o brigadeiro, estava apenas Apoena, um velho de 80 anos que era chefe dos Xavantes e que tinha liderado durante anos, a guerra para defender seu território. Pois bem, a dignidade daquele índio nu tornava os civilizados ridículos. Parecia que as pessoas vestidas estavam fantasiadas”.

Mas, o melhor — na opinião de Darcy Ribeiro — estava para vir. Apoena tinha um cesto, feito de



folha de buriti verde, debaixo do braço. No cesto, um alimento precioso para quem vivia numa região tão árida: gafanhotos torrados. De vez em quando, o velho chefe pegava um gafanhoto e trincava nos dentes. O brigadeiro, homem generoso, ficou com pena daquele índio, comendo gafanhoto.

E deu ordens para que trouxessem uma lata de biscoitos "Cream/Crackers". Vendo que o Índio não saberia abrir a lata, abriu-a. Apoená não entendeu. Então, o brigadeiro tirou um biscoito e mordeu para mostrar que se tratava de um alimento. O índio entendeu, mordeu também um biscoito, mas cuspiu-o fora, achando-o ruim. Então, jogou os biscoitos e colocou os gafanhotos dentro da lata. Ou seja, aceitou como presente o que seria de desprezar para o brigadeiro Aboim.

"Eu acho que isso mostra a dignidade da situação e as contradições enormes que há entre as duas culturas. Não se passaram tantos anos, mas veja como é que estão os Xavantes agora. Vivem numa miséria tremenda, divididos em vários grupos. E o que é doloroso: são invasores, legalmente, das terras em que estão porque, através de várias chicanas, o Estado de Mato Grosso e outras autoridades venderam suas terras para fazendeiros. Então, eles andam como intrusos numa terra que sempre foi deles, o que é um absurdo. O Brasil devia chorar de vergonha pelo fato dos Xavantes serem considerados invasores de sua própria terra. E a FUNAI não consegue tirar de lá os reais invasores. Quando na imprensa do mundo inteiro, aparecem notícias sobre situações como essa e que dão uma imagem muito má do Brasil, não devemos ficar irritados, com o fato dos jornais estrangeiros falarem nos direitos humanos do índio. Devemos ficar irritados conosco que ainda não demos a ele condições mínimas de sobrevivência".

Para o professor Darcy, o fundamental, em relação ao problema do índio, é assegurar a posse de suas terras, como se faz em todos os países civilizados. E como se fazia no tempo do antigo SPI.

"Os índios só se opõem aos interesses de gente que cobiça, ou que

já invadiu suas terras. O lamentável é que esses interesses minoritários — que não representam o interesse nacional — são capazes de ser impostos pela opressão local. E, às vezes, pelo amparo de gente desinformada. Todos os índios do Brasil não chegam a 100 mil. Para uma população de 120 milhões de ha-

bitantes, os índios não representam nada. Não competem com ninguém. Nesse sentido, não representam um problema nacional. Problema nacional são os vinte milhões de crianças abandonadas, é melhor alimentação para a população, é educação generalizada. Os índios são um problema da honra nacional. Nós — que tiramos sua terra, que os submetemos a um processo traumático de enfermidades — temos a responsabilidade de fazer o que os outros países fizeram. Temos que lhes assegurar, no mínimo, a posse da terra. É uma área tão pequena que eles necessitam, é menos terra que cem latifúndios".

O professor também não concorda com o fato de querer se impor, a qualquer custo, a incorporação dos índios à sociedade. Lembra que um ministro chegou a marcar um prazo para que tal acontecesse: os índios deveriam estar incorporados dentro de dez ou vinte anos.

"Como se isso dependesse da vontade dos índios. Ou da vontade do ministro. Acontece que não depende. O que qualquer antropólogo poderia explicar ao ministro é que os índios da América do Norte chegaram, em 1800, a ser 140 mil. Hoje, são 700 mil. Quer dizer, a América do Norte está muito mais ocupada que o Brasil. Nem por isso os índios desapareceram ou vão desaparecer. O Brasil, hoje, tem cem mil índios; amanhã vai ter muito mais. E isso não vai fazer mal nenhum ao país".

Darcy Ribeiro não se conforma também com a brutalidade do pensamento corrente com respeito ao índio. Com gente que diz que eles resistem à civilização, que não são capazes de evoluir e que são obstáculos ao progresso brasileiro, e lembra que a civilização que o índio conhece é a brutalidade das fronteiras da civilização.

"Civilização para o índio não é o intelectual de São Paulo ou o estudante de Filosofia de qualquer parte. Civilização, para ele, é aquele caboclo que está competindo com ele, que está lutando, armado, contra ele. Ou o fazendeiro que quer invadir suas terras. Essa é a civilização que aparece por lá, civilização de fronteira. Se os brasileiros que avan-

çam por essa fronteira como pioneiros vivem numa condição miserabilíssima, como o seringueiro, a condição do índio — que não está preparado para aquela situação — é muito pior. Então, metido nesse engenho, o índio é esmagado.

Outra coisa que o irrita é a tolice das classificações jurídicas do índio, que o definem perante a lei como irresponsável, comparando-o à mulher casada e ao débil mental. Isso, para ele, é uma estupidez jurídica que conduz à bobagem tão frequente de exigir a emancipação do índio.



O lamentável é que muitas vezes as pessoas que fazem os regulamentos da Funai são pessoas que só têm mentalidade jurídica, sem nenhuma formação antropológica. Não entendem o problema e complicam tudo, criando conceitos tolos, como esse da capacidade relativa. O índio precisa de um amparo especial, pois é mais suscetível de morrer de enfermidades que nós levamos a ele, como a gripe, a cárie, a pneumonia, a gonorréia. A sua situação é como a da mulher trabalhadora, que está grávida. Ela não é obrigada a fazer um aborto para continuar trabalhando, pois há uma lei que a ampara. Assim, não se pode querer que o índio se emancipe imediatamente, que não tenha uma compensação legal de assistência para suas carências. Ele tem que



ser compensado, como a mulher grávida e o menor que trabalha com ela".

Ouvindo o professor Darcy Ribeiro, entende-se porque ele foi capaz de ver, em "Maira", o índio por dentro. Afinal, suas opiniões são as mesmas dos 26 chefes indígenas, reunidos esta semana, no Rio Grande do Sul. Basta ler o manifesto divulgado por eles para perceber a semelhança das idéias, sobre emancipação e integração, por exemplo:

"...Acaso esses termos foram criados pelos índios? Como as sociedades indígenas interpretam esses termos? Acaso estamos pedindo integração é emancipação na sociedade dos brancos? Não. Nós queremos apenas respeito à nossa integridade física e cultural. Queremos mostrar, a todos que nos oprimem, que somos dotados de capacidade de raciocínio e que, de fato, procuramos, dentro dos meios legais, solucionar os nossos problemas".

Isa Cambará

